

UMA RESPOSTA AO ARTIGO 'A ESPERANÇA DA NOVA CRIAÇÃO'
MiJa Wi, NTC Manchester

A nossa compreensão do fim, ou *escaton*, é crucial para a fé cristã. É o fim que nos guia, molda e transforma a maneira como nós, cristãos, vivemos. Daí a abertura envolvente do artigo de T. Scott Daniels, que convida os leitores a pensar na narrativa bíblica como uma história e a repensar o final da história.¹ Da mesma forma, a citação de Moltmann por Ivelisse Valentin-Vera diz assim: “O cristianismo em sua plenitude, e não apenas em um apêndice, é escatologia”.² Em outras palavras, o cristianismo em seu sentido mais amplo é escatológico. Mas falar do significado do fim é uma coisa, falar das perspectivas e expectativas de alguém é outra.

Para este assunto, Daniels oferece uma breve visão histórica da escatologia cristã evangélica nos últimos dois séculos, uma mudança de uma visão pós-milenista otimista para uma visão pré-milenista dispensacional.³ A popularidade do dispensacionalismo no Ocidente em particular e globalmente de maneira geral moldou o cristianismo em uma fé um tanto individualista, dualista e pessimista, ao mesmo tempo que uma perspectiva social, material e otimista dos pós-milenistas deposita muita confiança na ação humana. O primeiro carecia de bases bíblicas sólidas, e o último se mostrou insustentável após as duas guerras mundiais. A partir dessa paisagem teológica, o surgimento da escatologia da nova criação trouxe algumas perspectivas, embora não novas, sobre a compreensão cristã do fim, de acordo com os artigos de Daniels e Valentin-Vera. Em resposta aos artigos, gostaria de endereçar vários aspectos da escatologia da nova criação, ao mesmo tempo em que me envolvo construtivamente com os pontos levantados por Daniels e Valentin-Vera. A discussão será guiada pelas questões críticas colocadas por Daniels: 1) Precisamos de uma escatologia da esperança, mas também uma que preste atenção realisticamente à natureza pessoal e sistemática do pecado?⁴ e por Valentin-Vera: 2) Em que sentido a esperança da nova criação pode ser descrita como uma “jornada” ou “peregrinação”?⁵

Em primeiro lugar, uma das principais características da escatologia da nova criação é que ela está solidamente fundamentada na visão bíblica do escaton, como Daniels destaca corretamente em seu artigo.⁶ A visão bíblica do fim é visualizada por João, o Vidente, que viu um novo céu e uma nova terra e “a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus” (Ap 21:1-2). Esta visão da gloriosa nova criação ecoa o oráculo de Isaías 65:17-25. Ambas as visões nos levam a olhar para trás, para a primeira criação (Gênesis 1:1—2:4), mas ao mesmo tempo nos levam a olhar adiante para a novidade da nova criação que está por vir. Elas nos convidam a ver um novo começo do fim e a perceber “uma transformação radical” da ordem criada

¹ T. Scott Daniels, “Finish Then Thy New Creation,” *Didache: Faithful Teaching* 22:1 (Spring 2022): 1-2.

² Ivelisse Valentin-Vera, “Hope of New Creation,” *Didache: Faithful Teaching* 22:1 (Spring 2022): 6.

³ Daniels, 3-4.

⁴ Daniels, 4.

⁵ Valentin-Vera, 1.

⁶ Daniels, 5.

identificada em Isaías 65:25 (cf. 11:6-9).⁷ Elas não apenas oferecem uma ampla visão de renovação que abrange toda a criação em seu escopo, mas também direcionam nossa atenção para a obra de Deus. Em outras palavras, a nova criação é principalmente um dom divino. Portanto, as visões são preenchidas com a esperança de restauração, renovação e recriação, em vez de destruição ou abandono do antigo. Daniels afirma a bondade da criação⁸ e Valentin-Vera direciona nossa atenção para a celebração da restauração de Deus, não da destruição.⁹

Em segundo lugar, a escatologia da nova criação está firmemente enraizada na vida, morte e, particularmente, na ressurreição de Jesus. A visão bíblica do escaton segue a história da criação, exílio e antecipação da restauração no AT. Daniels conecta esses temas com a vida, morte e ressurreição de Jesus em sua apreciação da escatologia da nova criação.¹⁰ De fato, o relato do nascimento de Jesus nos Evangelhos ecoa o primeiro relato da criação em Gênesis (especialmente Lucas 1:35; João 1:1-18) e abre a possibilidade de uma nova criação da humanidade (o último Adão nas palavras de Paulo) e uma nova criação de todos os criados na carne (João 1:14). Seguindo essa linha de pensamento, o ministério terreno de Jesus é visto como a presença corporificada da nova criação na terra. Porém, mais significativa é a ressurreição “corporal” de Jesus que inaugurou o escaton, seguida pela vinda do Espírito Santo. A ressurreição de Jesus é o marco decisivo de um novo começo do fim. A ressurreição dos mortos é um ato da nova criação. Portanto, o ponto de Valentin-Vera é esclarecedor aqui: “a esperança de uma nova criação ... é baseada na ressurreição”.¹¹

Particularmente, a apreciação de Valentin-Vera da nova criação em termos do corpo do Senhor ressuscitado que “carrega as marcas do sofrimento humano” é instigante.¹² Levanta uma questão crítica sobre a continuidade e descontinuidade da velha e da nova criação. Até que ponto ou em que sentido o novo carrega as marcas do antigo? Em que ponto a nova criação se afasta da velha? O longo discurso de Paulo sobre a ressurreição corporal em 1 Coríntios 15 pode oferecer alguns insights úteis sobre essas questões. Por um lado, a metáfora da semente que Paulo emprega inevitavelmente conecta um corpo “perecível” a um corpo “incorrutível” (1 Coríntios 15:35-49).¹³ Por outro lado, Paulo faz uma clara distinção entre corpos terrestres e celestes, ou corpos físicos e espirituais. Há continuidade no fato de que são nossos corpos mortais que se revestirão da imortalidade. Há uma descontinuidade em que seremos transformados na “imagem do homem celestial” (1 Coríntios 15:49). Portanto, a ressurreição corporal de Jesus encapsula o

⁷ John Goldingay, *Isaiah*, New International Biblical Commentary (Peabody: Hendrickson, 2001), 368; Michael Gorman, *Reading Revelation Responsibly: Uncivil Worship and Witness: Following the Lamb into the New Creation* (Eugene: Cascade, 2011), 163-4.

⁸ Daniels, 6.

⁹ Valentin-Vera, 5.

¹⁰ Daniels, 7.

¹¹ Valentin-Vera, 5.

¹² Valentin-Vera, 4.

¹³ Tom Wright, *Surprised by Hope* (London: SPCK, 2007), 168. Paul contrasts *corruptible physicality* and *non-corruptible physicality*, not physical and non-physical.

que já é experimentado na realidade presente e o que é antecipado na futura nova criação de todo o cosmos. Isso leva-nos ao terceiro ponto.

Em terceiro lugar, a escatologia da nova criação desenha a tensão entre a continuidade e a descontinuidade do antigo e do novo, entre o “já” da nova criação e o “ainda não”, e entre esta realidade mundana presente e a vindoura. A nova humanidade em Cristo coexiste com a velha humanidade em Adão. Há tensão entre a vida presente e a vida futura glorificada. Aqui, o uso do tema “jornada” por Valentin-Vera na discussão da esperança da nova criação é particularmente pertinente. Ela explora construtivamente a tensão de acordo com a identidade da igreja, “a comunidade da esperança”.¹⁴ Ela convida a igreja a personificar a nova criação por meio de um papel transformador dentro da sociedade aqui e agora. Portanto, a esperança da nova criação molda nossa fé e orienta nossas ações aqui e agora. Oferece uma perspectiva não só do nosso destino futuro, mas também da nossa vida presente. Mais uma vez, o discurso de Paulo em 1 Coríntios 15 é útil aqui. Em vista da realidade da ressurreição corporal e da derrota final da morte, Paulo conclui seu discurso trazendo os leitores de volta à realidade presente. Ele conecta a futura realidade glorificada com a realidade presente, exortando os cristãos de Corinto a manter uma boa obra em Cristo, pois seu trabalho em Cristo aqui e agora não é em vão (1 Coríntios 15:58).¹⁵ Portanto, a personificação ativa da identidade cristã como nova criação aqui e agora é crucial, pois esta é uma das maneiras mais visíveis de viver a esperança da nova criação, tanto na realização quanto em antecipação.

Por último, mas não menos importante, o tema central dos artigos, “No Poder do Espírito”, nos lembra do papel do Espírito Santo na discussão da esperança da nova criação. Ambos os artigos assumem o papel fundamental do Espírito na nova criação, mas não o discutem em profundidade. Em que sentido o Espírito produz a nova criação, nos capacita enquanto vivemos em tensão e nos conduz ao fim de todas as coisas? Primeiro, o Espírito é um agente ativo que realiza a criação e a nova criação por meio da ressurreição. O oráculo profético de Ezequiel prevê o espírito que dá vida mais vividamente em sua visão do vale de ossos secos (Ezequiel 37:1-14). O oráculo relembra o relato da criação em que o espírito (ruach; sopra) desempenha um papel central. Também antecipa a recriação e a ressurreição. O Senhor, doador da vida, pergunta: “Podem os mortos reviver?”¹⁶ (Ezequiel 37:3). É o espírito do Senhor que reanima os ossos secos e traz vida aos mortos (Ezequiel 37:11, 14). Além disso, em nosso gemido com toda a criação, enquanto vivemos na tensão entre a realidade presente e futura, o Espírito se junta a nós e a toda a criação e intercede por nós (Romanos 8:18-27). Paulo, em Romanos 8, não apenas amplia a visão da ressurreição dos indivíduos em Cristo para a renovação de toda a criação, mas também coloca o papel do Espírito na renovação de toda a criação no centro.¹⁷ Sem a presença interior do Espírito, a esperança da nova criação permanece

¹⁴ Valentin-Vera, 6.

¹⁵ See Wright, *Surprised by Hope*, 174 further elaborations on this point.

¹⁶ Robert Jenson, *Ezekiel* (London: SCM, 2009), 281.

¹⁷ John W. Yates, *The Spirit and Creation in Paul* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2009), 151-2.

como uma promessa vazia. No poder do Espírito, aqueles que estão em Cristo individualmente e coletivamente encontram a força para viver a esperança da nova criação.

Para concluir, gostaria de colocar algumas questões que foram levantadas pelos artigos para uma reflexão mais aprofundada. 1) Qual é o lugar do julgamento na discussão sobre a esperança da nova criação? Com razão, o fim não é sobre uma fuga bem-sucedida da destruição ou sobre uma celebração da destruição do mal. No entanto, o julgamento divino final é inevitavelmente parte da história em nossa percepção do fim, conforme indicam os contextos imediatos e mais amplos da visão bíblica da nova criação. Nem Daniels nem Valentin-Vera abordam essa questão diretamente. Talvez a questão de Daniels sobre a escatologia, que realisticamente presta atenção à natureza pessoal e estrutural do pecado, possa ser mais explorada a esse respeito.¹⁸ 2) Em que sentido a igreja molda e remodela sua vida presente à luz do final da história? Como a esperança da nova criação como uma peregrinação pode lançar luz sobre o testemunho corporativo da igreja em relação ao seu entendimento da esperança da nova criação na prática?

¹⁸ Daniels, 4.